

Educação indígena promove e acelera a inclusão

A segunda aula magna do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da UFSC, que aconteceu no final do primeiro semestre, reuniu o presidente da Funai, reitor, pró-reitores, professores, estudantes, autoridades e os alunos de tribos Kaigáng, Xokleng e Guarani, que retornaram à Universidade após dois meses nas comunidades colocando em prática o que aprenderam nos primeiros trinta dias de aula.

p. 6 e 7



Impresso

99129-5/2002-DR/SC
UFSC

CORREIOS

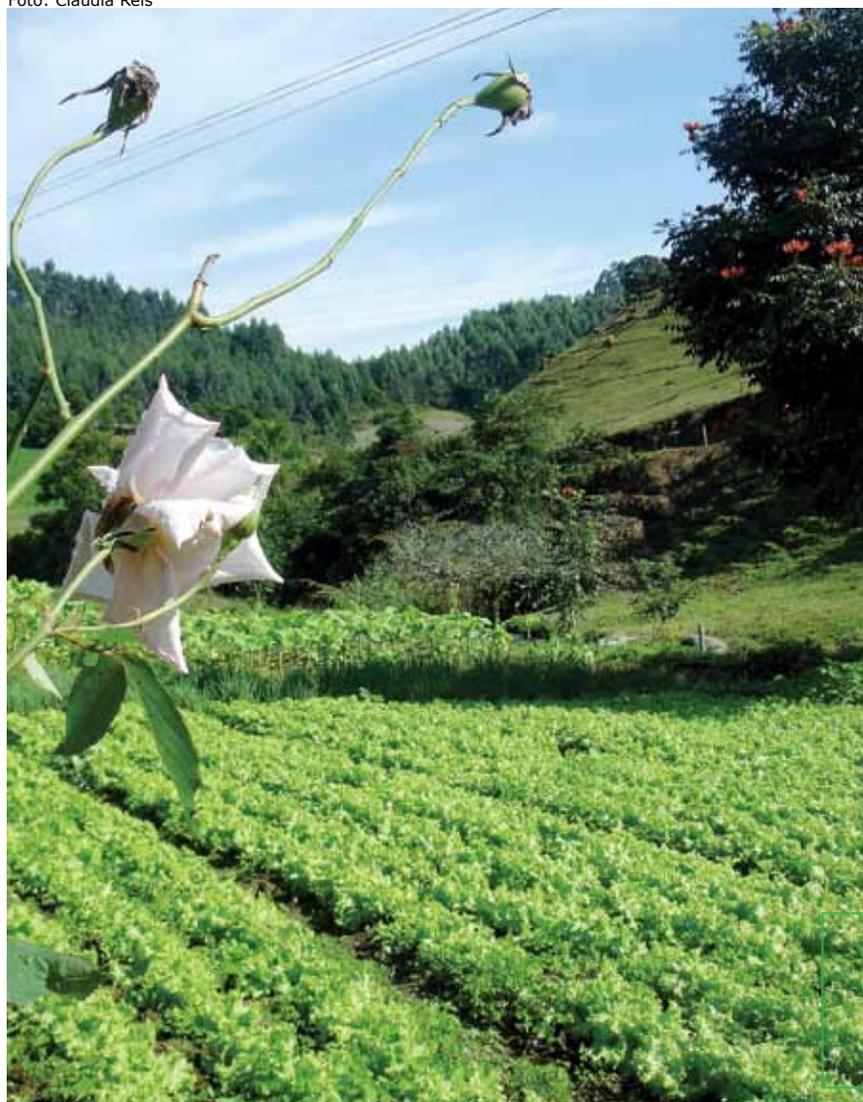


Jornal Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Agosto de 2011 - N° 419

Universidade opta por alimentação mais saudável

Foto: Cláudia Reis



A oferta de alimentos orgânicos no Restaurante Universitário e no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) da UFSC deu um passo à frente. Comissão formada por professores, servidores técnico-administrativos e alunos viajou em maio até Santa Rosa de Lima para a primeira visita após o início do fornecimento dos produtos pela Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (Agrego). A alimentação mais saudável deve ganhar novo impulso no segundo semestre

p. 9

Comunidade Universitária foi conhecer de perto a agricultura ecológica praticada em Santa Rosa de Lima, no sul de SC

Inovação e transferência tecnológica ganham comitê

A UFSC quer fazer de seu Departamento de Inovação Tecnológica muito mais do que um escritório jurídico para orientação sobre propriedade intelectual. A expectativa é de que esse departamento amplie o trabalho

colaborativo com empresas e a transferência de tecnologias. A concepção de uma política institucional para a área é uma das tarefas do Comitê de Inovação Tecnológica ora implantado pela Universidade

p. 5

Greve

Negociações emperradas
p. 2 e 4

EdUFSC

Trinta anos de liderança
p. 8

Servidores

Capacitação a distância
p. 4

Gênero

Cartazes contra o preconceito
p. 12

Cultura

A Ilha dos tibetanos
p. 3

Do Editor

Marca legitimada

"Como fazer ciência sem gente?" - Miguel Nicolelis

A UFSC, representada pela direção da Agência de Comunicação/Agcom, conquistou o *Prêmio Top of Mind* 2011 como a marca mais lembrada pela população no segmento Universidade/Faculdade na região da Grande Florianópolis e em nível Estadual. Promovida em conjunto pelo jornal *A Notícia* e Instituto MAPA, a pesquisa contou com 2,4 mil entrevistas, revelando os campeões de marcas nas mesorregiões Norte, Sul, Oeste, Vale do Itajaí, Planalto Serrano, Grande Florianópolis e no âmbito de SC.

Hoje, a sede da UFSC em Florianópolis está organizada em 11 centros de ensino, pesquisa e extensão, com estrutura que inclui dezenas de laboratórios, bibliotecas, editora, fórum, centro esportivo, centro de cultura e eventos, museu, planetário, observatório astronômico e farmácia-escola. O Hospital Universitário, referência para o Sistema Único de Saúde, proporciona mais de 400 mil atendimentos por ano em diversas áreas, beneficiando pacientes de todo o Estado.

Formar profissionais de alto nível e colaborar com o progresso científico, firmando-se como instituição de excelência e ganhando destaque nos rankings que medem a qualidade do ensino superior no Brasil, é, segundo o reitor Alvaro Prata, a receita da UFSC para o reconhecimento da sociedade.

Em 2011, a universidade inicia o segundo meio século de sua história, cada vez mais pautada na diversidade, multiplicidade de conhecimentos e numa política de comunicação que privilegia todos os segmentos das comunidades universitária e geral.

A premiação, salienta o reitor, é também resultado da eficiência da Política Pública de Comunicação executada pela Agcom há mais de duas décadas. A distinção da UFSC vem se repetindo há 17 edições do TOP, consolidando a sua posição não só na região, mas no Estado. "A interiorização da Universidade, com a instalação dos campi de Joinville, Araranguá e Cutitibanos, reforça a imagem, o conceito e a qualidade da marca UFSC entre os catarinenses", acrescenta o vice-reitor Carlos Alberto Justo da Silva.

A pesquisa Ímpar, promovida pelo *Notícias do Dia*, também vem projetando a marca UFSC, legitimando a instituição como líder no segmento.



Expediente

Elaborado pela Agcom - Agência de Comunicação da UFSC
Campus Universitário - Trindade - Caixa Postal 476
CEP 88040-970, Florianópolis - SC
www.agemcom.ufsc.br, agcom@agemcom.ufsc.br
Fones: (48) 3721-9233 e 3721-9323. Fax: 3721-9684

Diretor e Editor Responsável:

Moacir Loth - SC 00397 JP

Coord. de Divulgação e Marketing/Redação:

Alita Diana (Jornalista)
Ana Luísa Funchal de Oliveira (Bolsista)
Arley Reis (Jornalista)
Artemio R. de Souza (Jornalista)
Bianca Amorim (Bolsista)
Darilson Barbosa (Bolsista)
Gabriele Duarte (Bolsista)
José Wilson Fontenele (Bolsista)
Márcia Conill Marasciulo (Bolsista)
Margareth Rossi (Jornalista)
Nathan Mattes Schafer (Bolsista)
Paulo Clóvis Schmitz (Jornalista)
Paulo Fernando Liedtke

Fotografia:

Francisca Nery (Bolsista)
Pâmela Carbonari Paludo (Bolsista)
Paulo Noronha

Arquivo Fotográfico

Aldy Maingué
Ledaíry Petry

Editoração e Projeto Gráfico:

Jorge Luiz Wagner Behr
Cláudia Schaub Reis (Jornalista)

Divisão de Gestão e Expediente:

João Pedro Tavares Filho (Coord.)
Beatriz S. Prado (Expediente)
Rogéria D'El Rei S. S. Martins
Romilda de Assis (Apoio)
Impressão: Floriprint



Caiu na cesta

A comunicação cuida da saúde da instituição

Moacir Loth

Ouvidos moucos. A mídia, a classe política, o setor produtivo e a comunidade demoraram para tomar conhecimento da greve geral deflagrada no dia 6 de junho pelos trabalhadores técnico-administrativos.

Ninguém gosta. Com raras exceções, ninguém gosta disso. Quem faz greve não é o servidor. A greve é geralmente produzida pelo patrão ao violentar a dignidade dos trabalhadores e da sociedade ou ao descumprir promessas e acordos. A violência não é dos rios e sim das margens que represam a liberdade das águas!

Retrocesso. Criminalizar greves não combina com governos eleitos.

Conquistas. Na UFSC, muitas conquistas foram construídas ou viabilizadas pela Administração Central a partir das reivindicações em greves anteriores. O Plano de Saúde e a Capacitação são exemplos emblemáticos.

Suprarrealidade. Segundo Sergius Gonzaga, professor de Literatura da UFRGS, o nobel Mario Vargas Llosa "celebra intensamente a ficção como uma verdade suprema a partir de uma mentira". *A cidade dos cachorros*, primeira obra-prima do escritor peruano, foi escrita aos 26 anos, e poderia ser, hoje, perfeitamente adaptada ao campus.

Sede! Estudo da Agência Nacional de Águas (ANA) bebe e avisa que, em 2015, a falta do líquido alcançará 55% dos municípios brasileiros. Serão necessários investimentos de R\$22,2 bilhões para evitar um colapso total em 2025. A Ilha morrerá de sede. A Bacia de Cubatão, acossada pela cobiça, não resistirá. Água!

Exagero. Permanentemente plugado, teve quem transformasse o restaurante do Centro de Cultura em escritório. O abuso precisou ser contido.

Nova cultura. A UFSC, através da PRDHS, está punhando, nacionalmente, uma nova cultura institucional: a capacitação funcional a distância nas universidades.

Apagão. A Celesc mostra-se um leopardo no corte de energia, mas é uma preguiça na resolução de problemas. Vítima das terceirizações, vem tropeçando na sua nobre missão de energizar e bem iluminar a comunidade.

Faleceu no dia 13 de maio em Uberaba (MG), aos 91 anos, o pai do reitor Alvaro Prata. Aluízio Rosa Prata, médico laureado, professor universitário, membro da Associação Brasileira de Medicina, e reconhecido como um dos maiores especialistas do Brasil em doenças tropicais. A medicina e a saúde pública perderam um grande pesquisador, mas Aluízio deixou inestimável legado intelectual com 530 artigos publicados no Brasil e no exterior e a orientação de mais de 50 teses.

O corpo foi velado na Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Em nome da comunidade universitária, o gabinete da UFSC enviou coroas de flores à família. O respeito e a admiração do reitor pelo pai ficaram gravados na lembrança de todos os que assistiram o emocionado momento de sua posse, há três anos, quando encerrou o discurso chorando ao

dedicar-lhe o desafio que assumia à frente da UFSC.

Aluízio se formou em medicina em 1945, pela antiga Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (FNM/UB). Foi professor catedrático e livre docente pela Universidade Federal da Bahia, professor titular e professor emérito da Universidade de Brasília, professor titular e doutor Honoris Causa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), membro da Academia Nacional de Medicina, membro da Academia Mineira de Medicina, bem como foi laureado pela Royal Society Tropical Medicine, do Reino Unido, da Grã Bretanha, entre inúmeros outros títulos e medalhas nas associações médicas. Ele também criou sete áreas de pesquisa em medicina tropical na Bahia, duas em Rondônia, sete em Minas Gerais e uma na Bolívia.

Foto: Acervo da família



Aluízio Prata foi professor emérito das três universidades onde lecionou: Universidade Federal da Bahia, Universidade de Brasília e Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Por Raquel Wandelli, com informações do site www.jornaldeuberaba.com.br

Tibete, a terra das neves

Vivemos em um mundo globalizado onde não há mais fronteiras a não ser as impostas por nós mesmos. Países longínquos como o Tibete, por exemplo, vêm e nos apresentam sua beleza de forma esplendorosa. Entre os dias 27 de maio e 4 de junho a Universidade Federal de Santa Catarina sediou a II Semana de Cultura e Arte Tibetana, que trouxe a muitas pessoas a oportunidade de sentir um pequeno pedaço do Tibete vivo em nossa ilha e associar magia e beleza com profundidade e profissionalismo.

Estes são, na visão do Centro de Cultura Tibetana, organizador do evento, elementos essenciais para a condução deste trabalho. Sabe-se que o Tibete é uma nação milenar com um vasto território de 2,5 milhões de quilômetros quadrados nos contrafortes do Himalaia. Chamada de Terra das Neves, é considerado o teto do mundo, por ter o mais alto e extenso planalto dos cinco continentes e ser o lar de 6 milhões de pessoas.

O Tibete tem uma história cultural de mais de 2.000 anos e carrega marcas legadas pelo encontro das culturas mongol, hindu, chinesa e árabe. Com a entrada do budismo, no século VII, os tibetanos migraram de povo bárbaro com práticas animistas para a nação mais pacífica do mundo.

No idioma tibetano não existe a palavra "religião", mas uma expressão chamada "Dharma", que representa um conjunto ético relacionado à vida em sociedade que tem a compaixão e a sabedoria como base. Desta forma, para os tibetanos, o budismo é o Dharma que transcende as manifestações religiosas. Por isso o Tibete tornou-se uma cultura contemplativa e a arte de olhar para dentro produziu ao longo de 15 séculos a maior experiência humana de cultura de paz, não muito compreendida pelo Ocidente. Durante nove dias o Brasil parou para pensar na paz e na harmonia. O palco foi a UFSC, que acolheu mais de 1.000 visitantes. Trazer para dentro das universidades diálogos interculturais é essencial, pois é na academia que fomentamos os formadores de opiniões.

Percebe-se que há ainda uma certa resistência da academia em dialogar com questões que aparentemente estão distantes de nós do ponto de vista geográfico. Para muitos, o Tibete é um destes exemplos. Há hoje uma diáspora de mais de 150 mil tibetanos exilados na Índia, no Nepal e na Europa, os quais vêm mantendo e preservando sua cultura fora de sua terra.

Dizem que onde há uma manifestação de defesa do Tibete, lá o país estará manifestado em sua totalidade. Há também um grande movimento internacional permeado por intelectuais, estudiosos, atores e formadores de opinião que apoiam e coordenam algum trabalho de apoio

à causa tibetana em diversos lugares do planeta. Existem hoje mais de 700 ONGs de apoio ao Tibete no mundo.

Muitos cientistas dizem que a questão tibetana é uma questão internacional de todos nós, pois desde a invasão chinesa em 1949 os recursos naturais existentes na região vêm sendo utilizados de forma abrupta e desenfreada, causando um grande desequilíbrio ecológico.

O Tibete está sendo apresentado em conferências internacionais como o terceiro polo do mundo, ou seja, existem nesta visão o Polo Norte, o Polo Sul e o Tibete, devido à sua altitude. Assim, o Tibete passa a ser uma causa de todos, pois se quisermos preservar as gerações futuras precisamos desenvolver uma consciência mais ampla sobre tudo aquilo que acontece e perceber que tudo está interconectado.

Devemos pedir para que as autoridades protejam o Tibete, tomando-o um patrimônio da humanidade e uma zona de paz para o bem das futuras gerações. É com base tais idéias que o Centro de Cultura Tibetana, uma instituição sem fins lucrativos, visa a proteger essa cultura em seus aspectos materiais e imateriais no Brasil e na América Latina.

Na II Semana de Cultura e Arte Tibetana foi apresentado no prédio da reitoria um ciclo de palestras com especialistas nacionais e internacionais abordando todas as questões mencionadas anteriormente. Dentre eles estavam jornalistas das revistas *Época*, *Planeta* e *Trip*, além do tibetólogo Robert Barnett. Houve o apoio da SecArte, do NEO, do Doutorado Interdisciplinar da UFSC, do Tibet Office de Nova York e da FCC. Tivemos também várias expressões artísticas e culturais, como exposições fotográficas que embelezaram



II Semana de Arte e Cultura Tibetana proporcionou às crianças a oportunidade de fazer as próprias mandalas de areia no hall da Reitoria

Foto: Francisca Nery

o evento. Uma das atrações que capturaram a atenção de quem passou pelo hall da reitoria foi a montagem, pela primeira vez no Brasil, de uma mandala de areia, uma das mais fortes expressões da cultura tibetana, pois nela está representada simbolicamente a existência cíclica de todas as coisas. Um monge do monastério do Dalai Lama colocou grãozinho por grãozinho de areia colorida em um tablado de madeira, criando por meio de formas lineares e circulares a beleza da mandala. Depois de dias e dias de trabalho, houve o desmantelamento, ou seja, a destruição da mandala, no encerramento do evento, assistido por mais de 200 pessoas.

Assistir aquela obra sendo construída durante nove dias com muita paciência e persistência e ao final ser rapidamente destruída foi um momento de profunda transformação. A representação da destruição deste trabalho refere-se à permanência de todas as coisas e ao desapego. Tudo está em constante transformação e é isso que a mandala veio nos dizer.

Aqueles que quiserem ter mais informações sobre a cultura tibetana e sobre nosso trabalho devem acessar www.semanatibetana.com.br, ligar para o fone (48) 9129-9662 ou entrar em nosso facebook: centro de Cultura Tibetana. Gostaríamos de agradecer a participação de todos em nosso evento e aguardamos seu contato. Até breve!

Cerys Tramontini

Coordenadora geral da Semana de Cultura e Arte Tibetana

UFSC adota prevenção como arma de segurança

A atuação da segurança física e patrimonial é eminentemente preventiva. Empenha-se em identificar e neutralizar falhas ou ações que coloquem em risco o objeto de sua proteção e, nos limites legais, inibir ou evitar que eventos danosos se concretizem. E quando estes ocorrem, cabe à segurança, através de apuração administrativa sumária, identificar e definir as responsabilidades e as circunstâncias da ocorrência para que se adotem as medidas corretivas e prevenir a reincidência. Em se tratando de transgressão às normas internas, a apuração preliminar instrui o procedimento administrativo pertinente e se o fato é tipificado como delito penal, a apuração de autoria e materialidade e suas consequências competem privativamente à estrutura de segurança pública constitucionalmente constituída.

Resumindo, a atuação reativa da segurança física e patrimonial é calcada no poder de gestão interna, que é inerente à administração responsável pelo objeto da proteção. A reação incide tão somente sobre desconformidades com as normas administrativas, não lhe cabendo reprimir delitos. Todavia, diante de um delito em situação de flagrância, seus agentes podem e devem agir e acionar as autoridades competentes.

Nesses últimos tempos, a violência vem sofrendo uma crescente em todas as suas formas, alimentada pela certeza da impunidade e pela incapacidade do Estado em contê-la, afetando cada vez mais as instituições. A este quadro, somam-se os recursos tecnológicos que diariamente entram no mercado, disponibilizando sofisticados meios para a prática de atos ilícitos. Ninguém fica imune a essas ameaças. Daí a conveniência de adotar salvaguardas, ou melhor, medidas de segurança e de proteção.

Segurança se desenvolve e se concretiza em ambientes com uma política clara traçando diretrizes, rumos e parâmetros, acompanhada de normas objetivas disciplinando as atividades e prevenindo sanções, bem como de procedimentos orientadores. A política de segurança aponta o caminho enquanto as resoluções, instruções normativas e os procedimentos operacionais e administrativos

detalham e orientam o *modus operandi* para atingir o objetivo estabelecido.

A atividade de segurança privada, além de pouco compreendida é bem mais complexa do que os serviços de vigilância. Compreende um conjunto de atos de gerenciamento administrativo, estratégico e operacional, bem como de normas, regras e procedimentos organizados e sistematizados para reduzir riscos de perdas. E, naturalmente, requer meios materiais para viabilizar sua execução. Trata-se, como se vê, de atividade de gestão privativa do detentor do poder administrativo e, por conseguinte, indelegável. Já a execução das ações pertinentes pode ser delegada sob supervisão, assim como a terceirização dos serviços.

Em se tratando de segurança, as regras de conduta de todos os que estão sujeitos à gestão da instituição devem ser claras e amplamente divulgadas. Assim também os procedimentos para definir responsabilidades de quem as infringe. E por fim, as ações delegadas a terceiros devem ser incisivas e precisas, não dando margem para a discricão do agente na sua execução. É nessa malha

de regras que a inteligência da segurança detecta as desconformidades, identifica riscos e aponta as correções e/ou mitigações adequadas, subsidiando a administração na adoção das medidas pertinentes.

A gravidade é fator a ser considerado na avaliação do risco e da vulnerabilidade. O dano ou o prejuízo líquido que pode advir do risco não se restringe ao seu aspecto material. Pode afetar a imagem da instituição perante seu público interno ou externo, o moral dos funcionários ou, ainda, repercutir nas relações com a comunidade. A gravidade integra, decisivamente, a avaliação do custo/benefício das medidas de proteção. Assim, o ponto de equilíbrio entre a segurança e as vulnerabilidades decorre de definição política da instituição e de sua disponibilidade financeira. Para ter uma segurança eficiente e de baixo custo, é imperativa a erradicação das vulnerabilidades.

Leandro Luiz de Oliveira
Diretor do Departamento de Segurança Física e Patrimonial (Deseg/UFSC)

Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores

Prata é premiado no aniversário de 60 anos da Capes

Prêmio Anísio Teixeira distingue personalidades brasileiras que tenham contribuído para o desenvolvimento da pesquisa e formação de recursos humanos no país

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

O reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, Alvaro Toubes Prata, recebeu no dia 11 de julho, em Brasília, o Prêmio Anísio Teixeira, uma das mais importantes condecorações na área da educação no país. A solenidade, que fez parte das comemorações dos 60 anos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), foi realizada no Palácio do Planalto, com as presenças da presidenta Dilma Rousseff e do ministro da Educação, Fernando Haddad.

Criado em 1981, o prêmio distingue personalidades brasileiras que tenham contribuído de modo relevante para o desenvolvimento da pesquisa e formação de recursos humanos no país. Ele homenageia o educador Anísio Teixeira, intelectual baiano que difundiu o papel transformador da educação e da escola para a construção de uma sociedade moderna e democrática. Anísio Teixeira idealizou a primeira universidade com cursos de graduação e pós-graduação. Foi o primeiro presidente da Capes, fundada em 1951, e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (Inep), que desde 2001 incluiu o nome Anísio Teixeira ao da instituição.

Este ano, além de Alvaro Prata, a presidenta Dilma Rousseff entregou o prêmio a Fernando Galembeck (professor titular da Universidade Estadual de Campinas/Unicamp), João Fernando Gomes de Oliveira (diretor presidente do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo), Luiz Bevilacqua (professor



Foto: Roberto Stuckert Filho

O reitor Alvaro Prata recebe troféu de Dilma Rousseff: "só a educação de fato nos liberta e todos temos o direito de ser livres"

emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ) e Nelson Maculan Filho (professor titular da UFRJ). Também estiveram na solenidade a ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Helena Hoffmann, e o presidente da Capes, Jorge Almeida Guimarães.

Educação e liberdade – Em nome dos premiados, Alvaro Toubes Prata explicou a importância de comemorar os avanços na educação brasileira. "É crescente a percepção da sociedade de que somente através da educação nos tornaremos uma nação de mulheres e

homens livres. Livres intelectualmente, sendo capazes de pensar por si próprios e decidir sobre suas opções de vida, e livres socialmente, com suas qualificações e habilidades lhes assegurando uma existência saudável, com conforto e oportunidades. Só a educação de fato nos liberta e todos temos o direito de ser livres."

O ministro Fernando Haddad ressaltou a importância das atividades já realizadas pela Capes e também citou o desafio de introduzir na agenda da fundação a missão de valorizar o magistério da escola pública, desempenhada pela agência desde 2007. "Iniciamos o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) e já atingimos a marca de 20 mil bolsistas. Fecharemos o ano de 2011 com 30 mil, e a meta para 2012 é chegarmos a 45 mil bolsistas."

A presidenta Dilma Rousseff afirmou que o país está preparado para o desafio da sociedade do conhecimento e ressaltou idéias de Anísio Teixeira. "Sem dúvida, a escola pública é fundamental nessa estratégia. Concordo integralmente com um grande dirigente da Capes, Anísio Teixeira, que dizia que só existirá democracia no Brasil no dia que se montar a máquina que produz democracia, e essa máquina é a escola pública".

Para finalizar, Dilma Rousseff reforçou a importância da agência. "Ao longo desses 60 anos, a Capes foi um dos instrumentos que ajudaram o país a dar muitos passos para frente. Cada vez mais, a Capes será essencial para que esses passos continuem sendo dados de forma acelerada."

Negociações continuam emperradas em Brasília

Até o fechamento desta edição do *Jornal Universitário*, no dia 3 de agosto, trabalhadores técnico-administrativos de 39 universidades federais continuavam em greve, pedindo reajuste salarial, concessão de piso de três mínimos, isonomia salarial e de benefícios, racionalização de cargos e abertura de concursos para públicos para substituir a mão de obra terceirizada, entre outras reivindicações.

No dia anterior, o Sindicato dos Trabalhadores da Universidade Federal de Santa Catarina (Sintufsc) realizou uma reunião que deliberou pela realização de uma assembleia geral no hall da Reitoria, no dia 4, quinta-feira, para decidir pela continuidade ou não do movimento, que começou em 6 de junho e já durava 57 dias na instituição.

De acordo com o coordenador do Sintufsc, Celso Ramos Martins, havia poucas possibilidades de suspender a greve porque não houve avanços nas negociações do comando nacional com o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG), em Brasília. "O secretário de Recursos Humanos do ministério, Duvanier Paiva, está fora do Brasil, o que interrompeu as conversações com o governo federal", afirmou. Na UFSC, a paralisação atinge principalmente o Restaurante Universitário, o DAE, a Biblioteca Universitária, a telefonia, o almoxarifado central e a Imprensa Universitária. O sindicato calculava que a adesão chegava a 40% na instituição.

Segundo o advogado do Sintufsc, Guilherme Belém Querne, que participou de uma reunião na Advocacia Geral da União (AGU) sobre o tema, a Procuradoria Federal em Brasília, responsável pelas fundações e autarquias federais, solicitou ao STJ a ilegalidade/abusividade da greve, mas o ministro do tribunal, Arnaldo Esteves, pediu alguns dias para se pronunciar sobre o pleito.

"Estamos trabalhando para que isso não aconteça", afirmou o advogado. Ele acha difícil que a solicitação da procuradoria seja atendida, mas garante que a argumentação já está sendo preparada para uma eventual defesa da categoria.

Guilherme Querne também adianta que a ação não fala em suspensão ou devolução de salários. Como o ministro do STF deve se ater ao que foi pedido, acredita que não existe esta ameaça aos servidores das universidades federais em greve.

Eleições - A chapa 1, da situação, venceu a eleição do Sindicato dos Trabalhadores da Universidade Federal de Santa Catarina (Sintufsc), realizada dia 28 de julho. A chapa fez 667 votos, contra 372 votos da chapa 2, de oposição, e 45 nulos ou brancos. Com o resultado, a coordenação geral do sindicato ficará com Celso Ramos Martins, Teresinha Inês Ceccato de Oliveira Gama e Ricardo Egidio da Rocha.

Proposta inovadora de capacitação a distância

A aula magna "A ética pública na relação entre a UFSC e a sociedade", proferida pelo reitor Alvaro Toubes Prata no auditório 01 do Laboratório de Educação a Distância (LED), marcou o início de uma nova etapa no processo de capacitação dos servidores da Universidade Federal de Santa Catarina. O primeiro módulo do curso, chamado "Liderança e o processo de geração de ideias na UFSC", foi de 19 de julho a 4 de agosto, totalizando 24 horas, sob a responsabilidade da professora Neiva Aparecida Gasparetto Comêlio.

Em sua palestra, o reitor se disse satisfeito por estar falando pela primeira vez a distância com professores e trabalhadores técnico-administrativos dos campi de Araranguá, Curitiba e Joinville, que também participaram da capacitação. Ele ressaltou o papel de cada um no sentido de reforçar o bom conceito da instituição, que foi comprovado pelo recente concurso de seleção de servidores, no qual, em um dos cargos, havia 269 candidatos para uma vaga. "Temos muito a melhorar, apesar desse conceito, e a capacitação é importante neste sentido, porque implica em qualificação do serviço prestado à sociedade", afirmou.

Alvaro Prata disse ainda que "a Universidade está em transformação e precisa ser melhorada por nós, de forma permanente". Presente no evento, o pró-reitor de Desenvolvimento Humano e Social, Luiz Henrique Vieira Silva, afirmou que a capacitação encurta as distâncias da sede com os campi e atende a uma necessidade premente dos servidores da instituição.

Processo de inovação – O módulo "Liderança e o processo de geração de ideias na UFSC" foi ministrado na modalidade semipresencial, incluindo o recurso da videoconferência, alcançando a sede e os três novos campi da instituição. A responsabilidade pelo curso é do Departamento de Desenvolvimento de Potencialização de Pessoas, vinculado à Pró-reitoria de Desenvolvimento Humano e Social (PRDHS).

Comitê para inovação e transferência tecnológica

Política Institucional de Inovação tem prioridade entre tarefas do novo órgão

Foto: Paulo Noronha



Rozangela: número de pedidos de proteção à propriedade intelectual saltou de 23, em 2006, para 177 em 2010

Arley Reis
Jornalista na Agecom

A Universidade Federal de Santa Catarina quer fazer de seu Departamento de Inovação Tecnológica muito mais do que um escritório jurídico para orientação sobre propriedade intelectual. A expectativa é de que esse departamento amplie o trabalho colaborativo com empresas e a transferência de tecnologias. Mais um passo nesse caminho foi dado com a implantação de um Comitê de Inovação Tecnológica.

Auxiliar na discussão e criação de uma política institucional de inovação será uma das tarefas do novo órgão. Para compor o comitê foram convidados professores com reconhecida atuação nos campos da pesquisa, da inovação e do trabalho colaborativo com empresas, nas áreas de biotecnologia, jurídica, econômica e de direitos autorais. "Contamos com a visão destes professores para avançar", salientou na cerimônia de instalação do comitê a professora Débora Peres Menezes, pró-reitora de Pesquisa e Extensão da UFSC.

O novo comitê vai trabalhar a partir das atribuições do Departamento de Inovação Tecnológica, setor que auxilia a UFSC desde 2007. Uma das responsabilidades do DIT

é o acompanhamento dos processos dos pedidos e a manutenção dos títulos de propriedade intelectual da Universidade. Sua equipe também avalia e opina sobre a celebração de contratos e convênios envolvendo a inovação e a pesquisa científica e tecnológica, entre diversas outras ações.

De acordo com a diretora do DIT, professora Rozangela Curi Pedrosa, em 2010 a UFSC protocolou 20 pedidos de proteção de propriedade intelectual, número que considera reduzido em relação ao tamanho e prestígio em pesquisa e desenvolvimento conquistado pela Universidade. Mas, frisou, ainda que tenha uma equipe reduzida, o Departamento recebe cada vez mais demandas por parte da comunidade universitária. Em relação ao número de processos analisados, exemplificou, há um crescimento considerável: em 2010 foram 177, enquanto em 2006 foram 23.

De acordo com a diretora do DIT, a cultura da inovação tecnológica ainda enfrenta diversos desafios – não apenas na UFSC, mas no país. Entre eles, os gargalos na relação entre empresas e pesquisadores, o fato de que muitas indústrias ainda preferem comprar tecnologias de outros países e a falta de cultura do uso e depósito de patentes. Além disso, no Brasil

a maioria dos pesquisadores trabalha em universidades e institutos, há uma reduzida conversão de conhecimento científico em inovação tecnológica e uma concentração da produção industrial em produtos de baixo valor agregado.

Apesar das dificuldades, a diretora lembrou que um marco no país foi a Lei de Inovação. Aprovada em 2004, essa lei é fundamental na regulação da cooperação entre universidades e empresas, prevendo entre outros aspectos a criação dos Núcleos de Inovação Tecnológica, o uso de laboratórios de institutos de ciência e tecnologia por pequenas e micro empresas e a participação do pesquisador em *royalties*. O trabalho com o setor produtivo também é beneficiado com a Lei do Bem, de 2005, que consolidou os incentivos fiscais para pessoa jurídica que tem pesquisa tecnológica e desenvolvimento de inovação.

Ressaltando as competências de cada um dos membros no novo Comitê de Inovação Tecnológica, o reitor Alvaro Prata defendeu a importância da colaboração dos pesquisadores nas ações relacionadas à inovação e à transferência tecnológica. "Temos uma herança muito rica e precisamos dar nossa contribuição para melhorar a sociedade e o mundo", afirmou.

Há 15 anos dialogando com a comunidade

Ouvidoria é um caminho para mediar a relação da Universidade com a sociedade

Marília Marasciolo

Bolsista de Jornalismo na Agecom

Poucos conhecem a UFSC tão bem quanto o ouvidor Arnaldo Podestá. Por ele passam dúvidas, críticas, elogios e histórias dos quase 40 mil alunos, professores e servidores da Universidade. Nos sete anos de trabalho na Ouvidoria, Podestá viu e ouviu de tudo: de reclamações por causa da falta de iluminação no campus a denúncias de professores que tentaram molestar alunas. Sua função, ele diz, é atender a todos com paciência e encaminhar aos responsáveis pelas unidades da UFSC qualquer tipo de demanda que interfira na rotina da comunidade acadêmica.

Para ele, "nenhuma crítica é simples". Podestá cita o caso recente de uma estudante que escorregou no piso molhado de uma lanchonete, e quando tentou conversar com a dona do estabelecimento, esta riu e lhe respondeu: "te vira". "Ela poderia ter se machucado muito, poderia ter até morrido, e a culpa seria da Universidade", protesta o ouvidor. Falar de morte, nesta situação, pode parecer exagero, mas esse é um dos maiores medos de Podestá. Ele explica que há casos de estudantes e professores em estado de desespero e que ameaçam se suicidar: "Se não passassem pela Ouvidoria, poderiam ter desfechos trágicos".

A Ouvidoria foi a forma encontrada pela Universidade para mediar o diálogo entre estudantes, professores, servidores e a comunidade externa. Há pessoas, porém, que hesitam em procurá-la, por acreditarem que o ouvidor vai proteger a instituição que representa ou até delatar o que lhe foi confidencial. Mas os princípios básicos de todo ouvidor são exatamente a imparcialidade, o sigilo e a paciência. A cartilha do Curso de Capacitação para Ouvidores/Ombudsman da Associação Brasileira de Ouvidores e OMD Soluções para Ouvidorias vai além, e define que um bom ouvidor deve transmitir segurança a quem lhe

procura, colocar-se no lugar da pessoa e acompanhar todo o processo até que seja solucionado.

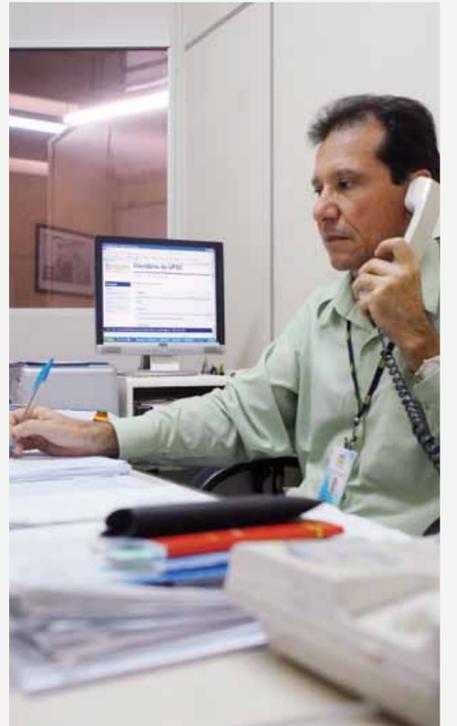
A hesitação pode ser reflexo dos tempos em que os ouvidores eram também professores. A primeira ouvidora foi Sidnéia Gaspar de Oliveira, professora do Centro de Comunicação e Expressão (CCE), seguida por José Carlos Padilha, do Centro de Ciências Agrárias (CCA), e Raimundo Nonato Lima, do Centro Socioeconômico (CSE). "Era complicado porque alunos daqueles Centros não se sentiam confortáveis conversando com seus professores. Além disso, os ouvidores não podiam atender em tempo integral, diminuindo a procura", diz Podestá.

Em seus 15 anos de existência, a Ouvidoria já atendeu a cerca de cinco mil processos, que envolveram mais de oito mil pessoas. As críticas ou sugestões que elas fizeram foram encaminhadas aos órgãos responsáveis – pró-reitorias, direções de Centros de Ensino ou o próprio reitor. Algumas foram essenciais para mudanças significativas dentro da UFSC: a criação da maternidade do Hospital Universitário (HU) e da UTI pré-natal, a cobertura da piscina do Centro de Desportos (CDS) e as melhorias na acessibilidade dentro do campus, por exemplo, foram resultados de demandas da comunidade acadêmica. "Acreditamos que só reclama quem ainda acredita na instituição", afirma Podestá.

Hoje, a Ouvidoria da UFSC é exemplo de excelência e referência entre as outras universidades do Brasil. Ela foi a quarta implantada no País, depois da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), da Universidade de Brasília (UNB) e da Universidade Estadual de Londrina (UEL), embora tenha sido planejada seis anos antes das outras. Atualmente existem mais de 40 Ouvidorias Universitárias no país, e o trabalho feito por elas é considerado essencial para a manutenção e o bom desempenho das instituições, melhorando e evitando problemas.

Para marcar o aniversário, a Reitoria organizou homenagem e entregou uma placa ao ouvidor reconhecendo os 15 anos de trabalhos desenvolvidos pelo órgão.

Foto: Pâmela Carbonari



Arnaldo Podestá: "Acreditamos que só reclama quem ainda acredita na instituição"

Licenciatura Indígena pauta a diversidade



Cláudia Schaun Reis
Jornalista na Agecom

As calças jeans e as camisetas convivem bem com a tinta preta no rosto. Os flashes insistentes incomodam alguns, e os sorrisos não saem tão fácil dos adultos, mas há crianças que se postam em frente às câmeras, e jovens de penteado moicano com máquinas e filmadoras nas mãos, como que a revidar fazendo suas próprias imagens. A segunda aula magna do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da UFSC, que aconteceu no dia 11 de maio, reuniu

Dos índios para os índios

Doutor em Antropologia Social, Gersem Baniwa faz parte da primeira leva de professores de dedicação exclusiva da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) que leciona nos cursos de Licenciatura Indígena em Políticas Educacionais e Desenvolvimento Comunitário e Formação de Professores Indígenas. O docente analisa a valorização de sua cultura. "Sempre me perguntei quantos eram os portugueses que desembarcaram no Brasil, e qual o número de indígenas que havia aqui para recebê-los, e a resposta me parece óbvia. Em nenhum momento os índios foram capazes de se articular para enfrentar o inimigo comum. E nisso se passaram cinco séculos. Apenas na década de 1970 se iniciaram as primeiras reações mais conscientes dentro dessa relação histórica de dominação". "Nenhuma política", continua, "tem sido implantada porque o Brasil mudou sua percepção de mundo, e sim porque os povos indígenas tomaram outra atitude, e o ensino superior faz parte dessa reação".

Gersem confessa que o magistério voltado ao índio está em processo de construção. "Ainda não tenho clareza do que fazer em sala de aula. A escola foi inventada pelo mundo branco para atender às necessidades de industrialização e mercantilização, e talvez seja um erro adaptá-la

reitor, pró-reitores, professores, estudantes, autoridades e os alunos de tribos Kaigáng, Xokleng e Guarani, que retornaram à Universidade após dois meses nas comunidades colocando em prática o que aprenderam no curso em seus primeiros trinta dias.

A data teve programação durante todo o dia: de manhã, os alunos se reuniram com o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Márcio Augusto Freitas Meira, quando reivindicaram bolsas de estudos para que possam permanecer na Universidade e concluir o curso, e também no hall da Reitoria foi aberta a exposição "Guarani, Kaigáng e Xokleng - Atu-

às demandas indígenas".

Há menos de uma década atuando como categoria, os professores indígenas talvez busquem o meio termo. "A responsabilidade é grande. Como se define uma escola intercultural? Tem povos que nos cobram o ensino da língua nativa, mas não conheço índio que não queira aprender sobre as novas tecnologias. E será que ensinar português vai ser bom para esses povos? Tem quem ache que o índio que fala bem o português já não é mais índio", problematiza.

O duelo entre o novo e o antigo, no entanto, parece se desfazer a partir da visão do professor. "Há pessoas acreditando que a tradição e a modernidade são incompatíveis. Isso é um problema para os pensadores, porque os índios já resolveram a questão. Para eles, o caminho é a complementaridade: não conheço povo indígena que, já tendo contato com a cultura do homem branco, abdique do direito de frequentar uma escola".

Gersem ainda enfatizou o caráter social que a educação tem para sua gente. "Os índios são pragmáticos: quem vai à escola deve voltar sabendo fazer sabão, anzol, construir roupas, senão significa que não aprendeu direito. O estudo tem como objetivo melhorar a comunidade".

pauta a diversidade

alidades e Memórias do Sul da Mata Atlântica".

A mesa de abertura contou com a presença do reitor Alvaro Prata; do presidente da Funai; da diretora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) Roselane Neckel e da coordenadora do curso Ana Lúcia Vulfe Nötzold. A mesa de debates foi composta pela pesquisadora do Laboratório de Etnologia Indígena Maria Dorothea Darella; o coordenador-geral da Educação Escolar Indígena da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) do MEC, Gersem José dos Santos Luciano (Baniwa), e a procuradora da República em Santa Catarina Analúcia de Andrade Hartmann.



"Não conheço povo indígena que, já tendo contato com a cultura do branco, abdique do direito de frequentar uma escola"

Gersem Baniwa

Fotos: Pâmela Carbonari



Alunas se preparam para a apresentação



Algumas mães assistem às aulas com seus filhos



Walderes com a filha Van: estudo para lutar pela causa indígena

Pinturas, danças e direitos

Van (que em Xokleng significa taquara) tem sete anos e foi a atração da cerimônia para os fotógrafos. Com adereço de cisal no cabelo, pintura preta no rosto e usando saia de palha, balançava de tempos em tempos um chocalho de cabaça e passava com a mãe Walderes a música que cantaria junto ao grupo logo depois do evento.

Aos 26 anos, Walderes cria a sobrinha Van como filha, e a deixa com a mãe em José Boiteux, onde se localiza a tribo Laklãno, quando fica em Florianópolis para assistir às aulas. "Agora estou mais tranquila porque ela veio comigo para a apresentação, mas no primeiro mês foi mais difícil", relata.

Formada em Letras Português/Espanhol em uma universidade de Indaial, a xokleng afirma que estudar, agora, está bem mais fácil. "Quando fiz a primeira faculdade, com minha mãe, havia vezes

em que dormíamos no ponto de ônibus, e no outro dia tomávamos banho na própria universidade, porque não havia dinheiro para voltar para casa. Aqui tem sido bem diferente", comemora.

Questionada sobre a diferença entre os Xokleng, Kaigáng e Guarani, ela se vira e aponta: "Olha só a pintura. Cada um faz desenhos diferentes, e cada etnia possui suas próprias músicas e danças", explica, contando que sua tribo, que habita um terreno de cerca de 14 mil hectares, abriga as três etnias. "Conheci professores de geografia e história que se referiam 'aos índios' apenas. Mas há grandes diferenças em relação aos costumes e tradições". Walderes pretende seguir Licenciatura em Humanidades, com ênfase em Direitos Indígenas. "Hoje estamos reivindicando a redemarcação de nossas terras. Quero lutar pelas causas indígenas".

Multiplicando as transformações

A solenidade foi ao encontro do que Gersem Baniwa defende: que o curso transforma seus alunos, mas também a sociedade e a Universidade. O hino nacional foi cantado por alunos Kaigáng - metade entoado em sua língua nativa e a outra metade em português; houve espaço à homenagem a Natalino Crespo - feita de acordo com as tradições de sua tribo - companheiro que os incentivou a ingressar no curso e que faleceu no dia 2 de março, e o mestre de cerimônias não deixou de lado os caciques, quando registrou a presença das autoridades. Os detalhes demonstram as modificações sutis que a Universidade começa a ensaiar.

"A UFSC não estava e nem está preparada para recebê-los. Mas a forma de nos adequar é vivenciar e aprender, aperfeiçoar a cada dia", atesta o reitor. "Faço dois pedidos: que tenham compaixão com a nossa instituição, perdando nossas falhas, apesar de nossa boa vontade, e que exultem-se a si próprios, sendo bons alunos".

O curso, que vinha sendo gerado desde 2007 pela Comissão Interinstitucional para Educação Superior Indígena (Ciesi), formada por integrantes da UFSC, organizações representantes dos povos indígenas e entidades parceiras), é um dos 26 do Brasil oferecido exclusivamente aos povos indígenas, e ajuda a somar cerca de oito mil índios no ensino superior. O presidente da Funai, Márcio Augusto Freitas Meira, explica que esse número só tende a crescer. "De acordo com o IBGE, temos hoje no país cerca de 817 mil índios". Isso significa que nos últimos dez anos a população indígena cresceu mais de 10%, número superior aos das pessoas que se declaram brancas, negras ou pardas. "Já escutei muito, também em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, a frase 'aqui não tem índio'. Por isso o curso vai além da educação: é também político. E essas novas gerações que fizeram o ensino superior poderão contribuir de forma mais efetiva com a construção do país", defende.

Igualdade nas diferenças

A professora Roselane Neckel ratifica a fala do presidente da Funai: "este momento significa a inclusão desses cidadãos na sociedade, a partir de seu ingresso na Universidade". A diretora do CFH vai além. "Em um país de diferenças tão profundas, não podemos tratar da mesma forma a todos, como se todos tivessem condições iguais", afirmou, mencionando em seguida as políticas públicas de permanência que a Universidade destina a alunos oriundos de escolas públicas, negros e indígenas, e reafirmando a disposição da UFSC em buscar meios de viabilizar, junto com a Funai, bolsas de estudos a esses alunos.

A equidade também foi mencionada por Analúcia, que ainda lembrou o

saudoso professor Sílvio Coelho dos Santos como orientador nos estudos das questões indígenas - homenagem anteriormente pela professora Dorothea Darella, que o apontou como baluarte da antropologia em questões da área. "Quando trabalhei junto a tribos, contava-se nos dedos quantos falavam fluentemente o Kaigáng. 'Só se pegarmos à força esses indiozinhos', me diziam os mais velhos. Não existia a valorização dos índios e de sua cultura". Hoje, de acordo com a procuradora, a Secretaria de Educação de SC já reconhece as diferenças e as estimula, orientando escolas e professores. "Agora os alunos são liberados para os cultos junto com seus pajés, e há horários e merendas diferenciados", relata.



Indiozinho observa os presentes durante o hino: as diferenças, hoje, são reconhecidas e estimuladas

Protesto põe lenha no debate sobre uso de animais

A polêmica utilização de animais na pesquisa e no ensino racha as opiniões da comunidade universitária

Marília Marasciulo

Bolsista de Jornalismo na Agecom

O uso de animais em experimentações científicas e no ensino é uma questão que divide opiniões. Enquanto pesquisadores defendem que a prática é fundamental para o estudo de processos fisiológicos em organismos vivos, ativistas afirmam que a anatomia animal é diferente da humana, e que já existem métodos alternativos a este modelo. Em abril, a discussão veio à tona na UFSC após um protesto de representantes de ONGs e protetores de animais, que pediam o fim dos testes em animais nas salas de aula e nos estudos científicos.

No site da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), instituição de pesquisa vinculada ao Ministério da Saúde, consta que os animais são utilizados na ciência desde a Idade Média e foram fundamentais para o descobrimento de vacinas, como a raiva e a varíola. Embora seja uma prática antiga, no Brasil a primeira lei que normatizou o uso de animais em ensino e pesquisa foi estabelecida em 1979. Em 2008 ela foi atualizada com novas regras e recebeu o nome de Lei Arouca.

Entre as mudanças, está a criação do Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (Concea), respon-

sável por credenciar instituições, evitar o sofrimento do animal e monitorar a introdução de métodos substitutivos. Foi também determinado que cada instituição credenciada deva possuir uma Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA). Na Universidade, a CEUA tem 15 membros, entre pesquisadores, biólogos, veterinários e representantes de entidades de proteção aos animais.

Pesquisa é diferente de ensino - Para o professor do Departamento de Farmacologia Rogério Tonussi, presidente da comissão, um dos erros que os ativistas cometem é não diferenciar o uso de animais em pesquisa e no ensino. Ele diz que se sente ofendido quando ouve que "a UFSC ainda utiliza animais em sala de aula, quando na verdade 99% dos casos no ensino podem — e são — substituídos por outros métodos". Filmes, protótipos e cultura de células são algumas das alternativas. Segundo Tonussi, a maioria dos cursos que antes adotavam os modelos no ensino já os abandonou. Como exemplo de curso que ainda utiliza animais, ele cita o de Medicina, durante a disciplina de técnica cirúrgica. "Mas isso não é problema para a maioria dos alunos", afirma.

Pela experiência da estudante de Medicina Gabriel Rodrigues, a afirmação é verdadeira: sua turma usou ratos e cachorros da raça Beagle na quarta fase do curso, durante a técnica operatória, e poucos relutaram antes do exercício. "O

obstáculo foi superado sem problemas". No entanto, ele conta que na turma anterior alguns alunos se recusaram a participar dessas aulas.

Outro equívoco que incomoda Tonussi é o uso de "situações a parte" para criticar os pesquisadores. Ele fala sobre o caso da Talidomida, medicamento utilizado como sedativo e anti-inflamatório, que é muito citado pelos ativistas, pois embora os testes em roedores não tenham acusado problemas, causou má-formação do feto em humanos: "Isso aconteceu porque ela foi pouco testada em animais". Quando os efeitos negativos do remédio surgiram, os testes foram refeitos em coelhos e primatas, que também apresentaram má-formação de fetos.

Equivalência - O caso da Talidomida, porém, aponta para outra crítica dos defensores da causa: a falta de confiança na compatibilidade dos modelos animais com os seres humanos. Para que o pesquisador obtenha a permissão para realizar os testes, a escolha do modelo passa por um processo de validação científica, que analisa a equivalência do animal com o homem. No entanto, a professora do Departamento de Ecologia e Zoologia Paula Brügger, em entrevista a *Revista Vegetarianos*, explica que existem diferenças na anatomia, fisiologia e interações ambientais que resultam na não correspondência na absorção, distribuição e metabolismo de substância.

Na mesma entrevista, a professora critica as comissões de ética, justificando que são ineficientes: formadas predominantemente por quem experimenta em animais, tornam-se tendenciosas. De fato, Tonussi admite a falta de diálogo entre pesquisadores e representantes de ONGs, mas diz que o principal problema é os ativistas dizerem "não" sem mostrar soluções. A estudante Giovanna Chinellato, membro da CEUA e da organização de proteção animal OBA! Floripa, concorda com Tonussi quanto à falta de diálogo, mas afirma que se sente menosprezada, por não ser pesquisadora, quando tenta mostrar alternativas.

Segundo o biólogo e doutorando em Educação Científica Thales Tez há resistência por parte da maioria dos pesquisadores na aceitação de métodos substitutivos e "uma cultura científica apegada aos modelos animais". Ele afirma que já existem cientistas que fazem testes diferenciados, apresentando resultados mais seguros. "Atualmente gastamos muito tempo e dinheiro em um modelo ineficiente", revela. Nos Estados Unidos, Canadá e Europa, buscam-se alternativas há mais de 20 anos, e foram criados comitês para a validação de métodos alternativos. No Brasil, porém, faltam investimentos na área, o que dificulta a aceitação da comunidade científica e complica a luta pelo fim das experimentações em animais.

Mais orgânicos para a Comunidade Universitária

UFSC reforça alimentação do Restaurante Universitário e do Núcleo de Desenvolvimento Infantil com produtos orgânicos

Cláudia Schaub Reis

Jornalista na Agecom

A oferta de alimentos orgânicos no Restaurante Universitário e no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) da UFSC deu um passo à frente. Comissão formada por professores, servidores técnico-administrativos e alunos viajou em maio até Santa Rosa de Lima para a primeira visita após o início do fornecimento dos produtos pela Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (Agreco), que tem sede no município.

Com processo de licitação homologado desde dezembro de 2010, o RU iniciou o ano com alimentos orgânicos no cardápio, como batata, chuchu, aipim, banana, beterraba, cenoura, tempero verde, frango e alface. Apesar da variedade, menos de 10% das refeições oferecidas são orgânicas. Já no NDI 100% da merenda, composta por frutas (laranja, abacaxi, banana, kiwi, morango, maçã), bolos (fubá e laranja), geleias, suco de butiá, mel, além dos produtos sem lactose (iogurte de soja, pães, bolos e bolachas) não contêm agrotóxicos. A reunião teve como objetivo analisar as possibilidades de se aumentar as quantidades fornecidas ao Restaurante e compartilhar os resultados dos primeiros meses de implantação da nova alimentação.



Fotos: Cláudia Reis

Santa Rosa de Lima tem abastecido o RU e o NDI com alimentos livres de agrotóxicos



Comitiva conheceu, in loco, agricultores e o processo de manejo das culturas

"É orgânico?"

Cecília Hobopd, enfermeira no NDI, pensa que a introdução dos orgânicos na alimentação é essencial. "Acho que este é o momento de reeducar nossas crianças para que tenham melhor qualidade de vida". "Tudo indica", continua, "que a incidência de câncer está associada aos pesticidas". A diretora Marilene relata que a nova alimentação tem sido bem aceita, com poucas exceções, mas comprova que os benefícios já vêm sendo propagados e defendidos fora da sala, indicando que a reeducação mencionada por Cecília já teve início. "Há pais nos relatando que os filhos não querem mais suco de caixinha. Uma menina perguntou em casa: 'é orgânico?'". Os recursos do MEC destinados à merenda cobrem 30% dos custos com os orgânicos no NDI. O restante vem da PRAE.

A disseminação dos orgânicos nas escolas de Florianópolis teve início em 2001 com o projeto Saber e Sabor. Distribuído nas instituições estaduais, os alimentos melhoravam a qualidade das refeições de crianças que, muitas vezes, tinham pais egressos do mesmo campo de onde vinham os produtos. O projeto não teve continuação, mas desde 2010 a PRAE busca, através da aquisição dos orgânicos, transformá-lo em programa.

No facebook e twitter

O cardápio no RU ainda não tinha incluído a palavra "orgânico" porque, além de a quantidade desses alimentos ser pequena, o Restaurante está em período de transição com a construção da nova ala. Deise de Oliveira Rita, diretora do restaurante, teme que a novidade aumente ainda mais o tamanho das filas na hora do almoço. "Sei que nos dias em que servimos camarão os alunos se mobilizam através das mídias sociais, como o facebook e o twitter, para avisar a todos do prato", relata, rindo. "Nesses dias, o Brasil inteiro fica sabendo que a UFSC terá camarão", intervém Claudio, também se divertindo com a repercussão.

O RU serve, em média, sete mil refeições por dia — somando almoço e jantar —, funcionando inclusive nos fins de semana e feriados. O inusitado "frango orgânico" foi servido pela primeira vez em maio, teve divulgação no site do restaurante e causou alvoroço, dividindo opiniões: "alguns alunos rezeiam que o gosto não seja bom, mas já comi galinha orgânica e acho que o prato preparado pelo RU deve ser uma delícia; quero muito experimentar", atestou a estudante de Jornalismo Gabriele Duarte.

Na prática

Suzete Baumann é professora, vereadora do município e também mestrande em Educação no Campo na UFSC, e entende que o intercâmbio entre os moradores de Santa Rosa e a comunidade universitária é profícuo. "Lembro na escola daqui quando recebíamos a merenda fechada, industrializada. Nós nos perguntávamos do que era feito aquele lanche. Imagino que isso pode acontecer também com quem recebe os alimentos que enviamos para a Universidade". O professor Claudio concorda com Suzete e quer levar, em breve, os funcionários do RU para conhecerem a região e a forma como os alimentos são feitos.

Andréia Martins e Suellen Dias Pessoa são bolsistas do NDI e estão na primeira fase de Nutrição. Elas contam que lidar com os alimentos sem agrotóxicos fez com que repensassem a profissão e também a própria alimentação.

"Agora como mais verduras e legumes, principalmente orgânicos, até coisas que eu nem sabia que existiam", atesta Andréia. "Estou encantada com os produtos. Cheguei na UFSC com uma visão diferente, achando que o foco do curso era mais clínico, e vejo que podemos começar pela prevenção", completa Suellen.

Alternativa ao fumo

Adilson Lunardi, coordenador da Coperagreco (que trabalha especificamente com a produção e comercialização dos orgânicos), ressaltou a disposição dos associados — atualmente cerca de 100 famílias, tendo ainda mais 200 em processo de certificação — de aumentar a produção e o consequente fornecimento à Universidade. "Por meio do contrato com a UFSC, os agricultores têm condições de iniciar o plantio, já que têm crédito". O coordenador salienta que o momento é de crise para o setor fumageiro. "A Agreco foi fundada em 1996, quando passávamos por situação semelhante. Hoje, 90% dos que plantavam fumo produzem verduras, frutas e legumes orgânicos. É tempo de oportunidades para a sustentabilidade", comemora. Adilson enfatiza ainda que é necessário ponderação no início desse processo. "Não adianta assumirmos grandes contratos, frustrarmos a entrega e no próximo ano não renová-los porque perdemos nosso maior patrimônio, que é a credibilidade".

Os agricultores têm se mostrado satisfeitos, de acordo com o coordenador, que ratifica ainda a vocação da região em produzir alimentos livres de agrotóxicos. "Temos mais nascentes que moradores, e a área possui um relevo que dificulta a pulverização aérea", esclarece. O coordenador do Centro de Ciências da Educação (CED), professor Wilson Schmidt, entende que o papel da UFSC é fundamental para impulsionar essa produção. "Organizar a cadeia produtiva inteira, da plantação ao consumo, é o grande desafio. Para que esse ciclo se fortaleça, é necessário dar continuidade ao trabalho por meio de políticas públicas, e a Universidade pode ser indutora desse desenvolvimento territorial".

"A UFSC está assumindo a vanguarda da revolução não-armada", defende o professor Cláudio Amanite, da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), concordando que a Universidade pode estimular o consumo de orgânicos em larga escala. O pró-reitor destaca a necessidade da institucionalização de todo o processo. "Vamos fazer a coisa certa, a fim de multiplicar os resultados: precisamos documentar os dados e as experiências".

As experiências das quais o professor fala já foram relatadas na reunião. Marilene Dandolini Raupp, diretora do NDI, conta que a hora do lanche se transforma em momento pedagógico. "As crianças ficam sabendo que o suco que tomam vem das frutinhas que os sabiás ajudaram a plantar", explica, se referindo aos frutos da palmeira juçara, que originam uma bebida de cor semelhante à do suco de uva.



Frutos da palmeira juçara: suco e aprendizado para as crianças do NDI

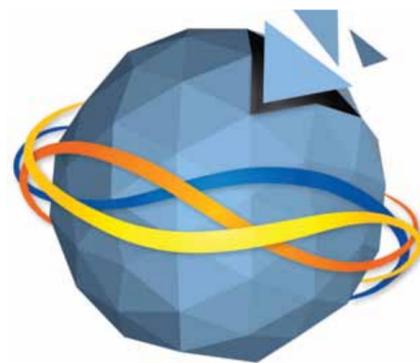
Sepex ganha nova cara

Ficam abertas até o dia 7 de setembro as inscrições para propostas de estandes e de minicursos para a 10ª Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC (Sepex). O evento, que já se tornou referência em termos de popularização da ciência em Santa Catarina, está programado para o período de 19 a 22 de outubro na Praça da Cidadania, em frente à Reitoria da Universidade. Durante quatro dias, professores, estudantes e técnico-administrativos recebem o público externo para mostrar estudos e pesquisas gerados dentro da instituição, permitindo que as escolas,

especialmente, conheçam essa produção e as suas particularidades.

Os interessados podem fazer o cadastro de suas propostas no site inscricoes.sepex.ufsc.br. Já os artistas que desejam realizar apresentações artístico-culturais no evento podem se cadastrar no e-mail sepexartístico@reitoria.ufsc.br.

Nesta edição, o evento apresenta sua nova marca, elaborada pela equipe de Identidade Visual da Agência de Comunicação da UFSC (Agecom). A Sepex é integrada à Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, do MCT.



10ª SEPEX
SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Vestibular 2012.ufsc.br

Eng^a de Energia *Aranjuaí* | Ciências Rurais *Quilombos* | Letras / Libras *Monte Carlo* | Eng^a da Mobilidade *Jatobá*

Inovação e qualidade ao alcance de todos

80 opções de cursos oferecidos nos campi da Universidade Federal de Santa Catarina

Inscrições: 20/9 a 19/10/2011. Provas: 10, 11 e 12/12/2011
Pedidos de isenção da taxa de inscrição: de 17/8 a 15/9/2011

34.876 curtiram Vestibular UFSC 2011 | 12.000 seguem @ufsc

O cartaz, elaborado pela equipe da Agência de Comunicação (Agecom), já está sendo distribuído e divulgado pela Comissão Permanente do Vestibular (Coperve/UFSC)

Editora balzaquiana é reconhecida em seu aniversário

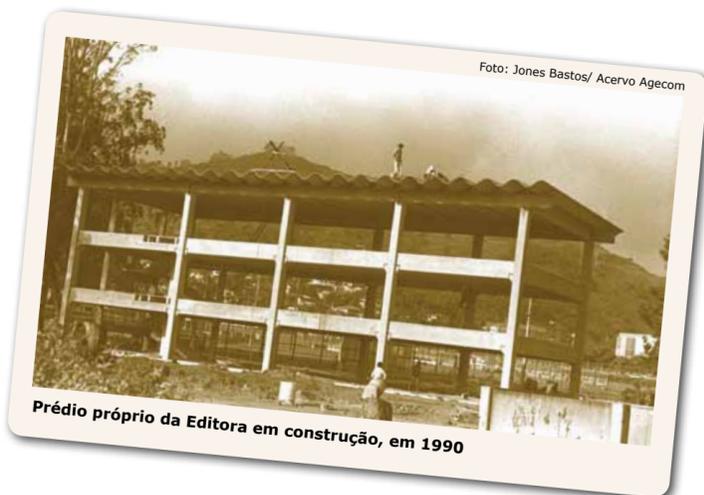
Escritores, intelectuais e membros da comunidade enaltecem o trabalho da EdUFSC como motor do desenvolvimento intelectual e cultural do Estado

Raquel Wandelli
Jornalista na SeCArte

A senhora livreira e balzaquiana chamada Editora da Universidade Federal de Santa Catarina foi a grande homenageada no lançamento coletivo que marcou as comemorações do seu 30º aniversário de fundação em 16 de junho. No hall superior do Centro de Eventos a Secretaria de Cultura e Arte promoveu o evento "A Editora da UFSC no Século XXI", com o lançamento das obras que representam a mudança na política gráfica no período de 2010 a junho de 2011. São 65 títulos, envolvendo o trabalho de 350 autores, entre escritores, ensaístas, organizadores, pesquisadores e tradutores que festejaram essa conquista literária com um

coquetel e noite de autógrafos. "A EdUFSC é um motor no desenvolvimento intelectual e cultural da nossa universidade e do nosso Estado", enalteceu o reitor Alvaro Prata.

Na mesma cerimônia, a editora divulgou o resultado do Concurso Salim Miguel [Romance], cujo vencedor foi o professor de literatura, poeta e escritor Alckmar Luiz dos Santos. Na presença do reitor e do vice, cerca de 150 pessoas, entre estudantes, professores, funcionários familiares, intelectuais, autores novos e consagrados, reverenciaram o papel da editora na promoção do conhecimento. "Fico muito feliz ao perceber o cuidado que a editora tem demonstrado não só com o conteúdo, mas com o aspecto físico dos nossos livros", elogiou o reitor.



Prédio próprio da Editora em construção, em 1990

Em seu discurso, o diretor atual da Editora da UFSC Sérgio Medeiros enfatizou os três desafios que a instituição está procurando vencer nos seus 30 anos de vida, completados em dezembro passado. O primeiro deles foi implantar uma ampla reforma gráfica, alterando radicalmente o miolo e as capas, ou seja, mudando a diagramação, as fontes e a estética visual. "Conferimos aos nossos livros um formato eficaz e uma identidade ousada, para melhor inseri-los no mercado nacional". O segundo desafio foi atualizar a publicação dos títulos aprovados em gestões passadas, sem prejudicar o lançamento de obras aprovadas pelo atual Conselho da editora.

"Atualizamos o catálogo e ao mesmo tempo ampliamos a oferta de novos títulos de grandes nomes de prestígio mundial, como Giorgio Agamben, Linda Hutcheon etc", completou a secretária de Cultura e Arte, Maria de Lourdes Borges.

O terceiro desafio foi divulgar esses livros nacionalmente, expondo-os nas melhores livrarias dos grandes centros e conquistando espaço para resenhas e notas nos melhores jornais do país. Por último, Medeiros enfatizou o papel dos funcionários da editora, que compreenderam as reformas e passaram a colaborar ativamente na confecção de livros mais atraentes e condizentes com uma estética contemporânea.



De Nutrição à Ética: obras para todos leitores

Fundada em 1980 pelo reitor Ernani Bayer, a Editora da UFSC tem mais de mil títulos no mercado e publica, em média, 50 livros por ano. Em seus 30 anos, recebeu a contribuição de quatro diretores. No primeiro ano, teve à frente o professor João Nilo Linhares Dutra, sucedido pelo escritor Salim Miguel, que a consolidou e a dirigiu de 1981 a 1991, conseguindo junto à Fundação Banco do Brasil os recursos para a construção de sua sede atual. No período de 1991 a 2008, o professor e poeta Alcides Buss assumiu a direção e de 2008 a 2010 o professor Luiz Henrique de Araújo Dutra, sucedido por Sérgio Medeiros.

Entre suas mais recentes publicações, estão traduções pioneiras de obras em língua portuguesa de autores como Mallarmé, Evaristo Carriego, Franz Kafka e Giorgio Agamben. Com o Instituto Itaú Cultural reuniu e editou os textos críticos do cineasta catarinense Rogério Sganzerla e prepara a publicação do romance de Glauber Rocha. A editora traz ao leitor o melhor da produção científica, tecnológica e cultural da UFSC através de séries como a Didática, Geral, Nutrição, Ética, Urbanismo e Arquitetura da Cidade, Imagens, Gênero e Relações Internacionais, Pensamento do Fora e livros de Direito em parceria com a Fundação José Boiteux. Também investe na publicação dos grandes escritores catarinenses de todas as épocas, como o contista Silveira de Souza e o poeta Rodrigo de Haro.

Neste semestre será lançada a Coleção Repertório, que inclui entre nomes universais, como Michel Montaigne e Simão Lopes, autores catarinenses fundamentais como Rodrigo de Haro, Franklin Cascaes e Cruz e Sousa, todos já em linha de produção. Muitas outras obras de impacto estão sendo preparadas para o decorrer deste ano, incluindo autores como Pierre Bourdieu, Judith Butler, entre outros. E com a volta às aulas, a EdUFSC promove, de 8/8 a 2/9, na Praça da Cidadania, a tradicional Feira dos Livros, quando comercializará com 50 a 70% de desconto sua nova safra de grandes lançamentos, que incluem obras de Carl Einstein e Luiz da Costa Lima.

Para incentivar a produção literária em SC, a SeCArte e a EdUFSC lançaram em 2010 o Concurso Romance Salim Miguel, que homenageia um dos mais representativos escritores catarinenses e já prepara os concursos para livros de conto, poesia, roteiro e dramaturgia para os próximos anos. Bem humorado, Salim agradeceu dizendo que concursos não devem pautar a vida de um escritor, mas são bons porque ajudam a "massagear o ego". Autor de 31 obras, é o primeiro escritor do Estado a ganhar os dois prêmios nacionais. A 32ª obra, "Reinvenção da Infância", foi lançada em junho, no Centro Cultural do BRDE, em comemoração aos 60 anos de publicação da obra de estreia, "Velhice e outros contos", circunscrevendo um novo retorno em sua bela e profícua vida literária, da velhice à infância.



Professor Sílvio Coelho (esq) cumprimenta Salim Miguel no dia de sua posse, em 1981



Estande da Editora em 1982

Ombudsman

JU: algumas sugestões



Convidado pelo jornalista Moacir Loth para analisar a edição de maio do *Jornal Universitário* divido minha crítica nos dois componentes que fazem um impresso, visual e conteúdo. Na parte gráfica o que observo é recorrente: faltam entretítulos em matérias longas, como ocorre em "Universidade do século XXI: tecnologia e humanismo" (página 3) e outras que estão na mesma edição. A solução é simples: de três em três parágrafos (de até oito linhas) um entretítulo é obrigatório para que a leitura seja estimulada. Matérias sem este recurso tornam-se "tijolões" que minimizam a atenção dos leitores. De resto, graficamente o jornal apresenta bons resultados.

Agora, qual seria a função de um impresso quando, ao mesmo tempo, há um site?, competição ou complemento? No meu entendimento, os impressos, pelo menos ainda, têm a vantagem de oferecer mais facilidade para a leitura de textos longos, combinados com fotografias, e editados com eficiência. (Por falar nisso, muito bem escrita a reportagem da página central, "Consumo de álcool cresce entre universitários na última década". Igualmente, as outras matérias que constam da edição).

No entanto, o *JU* deveria prestar atenção nas defesas de teses e dissertações. Estas pesquisas

acadêmicas podem ser transformadas em material jornalístico e a notícia está justamente nas conclusões apresentadas. Aqui, o calendário de defesas deve estar no site, mas, após, não custaria muito o *JU* trazer matérias baseadas em seus resultados. Por certo, disso resultariam pautas para outros veículos e também informação para a audiência do *JU*. Além disso, palestrantes em eventos, e são inúmeros, devem ser entrevistados.

O mundo acadêmico produz fatos científicos de elevado valor em conhecimento e informação. É preciso aproveitá-los para divulgação na forma jornalística e alguns são capazes de produzir impacto. Afinal, jornalismo é a arte de impactar seus leitores e quando faz isto mostra muito bem sua verdadeira função.

Hélio Ademar Schuch
Prof. do Dep. de Jornalismo

SC perde ícone do canto coral

Faleceu no dia 11 de julho, em decorrência de um câncer, o maestro, compositor, poeta e professor José Acácio Santana, regente do Coral da UFSC entre os anos de 1964 e 1996. Nascido em São Pedro de Alcântara em outubro de 1939, ele deixou um legado de mais de três mil obras, da canção infantil ao oratório e à ópera, passando por todos os gêneros da música vocal. Pesquisou e publicou as principais raízes musicais açorianas, italianas e alemãs em SC, estudou a evolução do canto coral no Estado e o folclore musical brasileiro.

Sob sua regência, o Coral da UFSC atuou quando da vinda do

papa João Paulo II a SC, em outubro de 1991, para a beatificação de Madre Paulina. Em 1994, em turnê europeia, o coral realizou apresentações em Portugal (incluindo os Açores), Espanha (Santiago de Compostela), França, Alemanha e Vaticano. Santana gravou diversos LPs e CDs, tanto com o Coral da UFSC quanto com outros grupos catarinenses nos quais também atuou como regente.

Foi agraciado com dezenas de condecorações e, em sua homenagem, a Assembleia Legislativa do Estado escolheu a data do seu nascimento, 19 de outubro, como o Dia do Coralista em SC.



Foto: Mário Teixeira/ Arquivo Agecom



O Colégio de Aplicação da UFSC completou no dia 17 de julho 50 anos de fundação. As comemorações, que foram realizadas durante toda a sexta, 15/07, tiveram como foco a homenagem aos professores da ativa e aos aposentados, que receberam flores dos alunos. Lanche coletivo, brinquedos encomendados especialmente para a festa e show de talentos completaram a programação.

Festival de Música anuncia bandas e compositores

Foram divulgados na noite de 13 de julho os nomes das 20 bandas e compositores selecionados para o II Festival de Música da UFSC, que acontece nos dias 27 e 28 de agosto. A lista foi

conhecida em cerimônia que reuniu músicos da edição do ano passado – recebendo CD e DVD com o registro do festival de 2010 – e também os escolhidos para o show deste ano.

Os selecionados:

- *O Alguidar de Aguiar* – Banda Cravo da Terra
- *Vaga-Lumes* – Luciano Arnold
- *Entrando no País das Maravilhas* – Banda Karibu
- *Jazmim* – Marcos Baltar
- *Inquietude* – Caren Martins
- *Tereza* – Darlan Freitas
- *Skalpelado* – Banda Bergos
- *Cecília* – Roberto Tonera
- *Ousada* – Banda Zazueira
- *Dominó* – André Pacheco Henrique
- *Kama* – Taoana Padilha
- *Esse Novo Disfraz* – Nathalia Britos Gasparini
- *Le Feu d'Amour* – Banda Somato
- *Impermanência* – Kristian Korus
- *Discos do Roberto* – Banda Supergrandes
- *Groove Zone* – Banda Top Groove
- *Menino do Gueto* – Banda Menino do Gueto
- *Voz do Coração* – Banda Habitantes de Zion
- *Menino* – Lucas Quirino
- *Não Esbarra* – Banda Aislados



Bandas se apresentam nos dias 27 e 28 de agosto

JU dos leitores

"A atual gestão do Núcleo de Desenvolvimento Infantil agradece o apoio efetivo da Agecom, destacando o pronto atendimento às solicitações de divulgação deste Núcleo. Na certeza de que a qualidade do trabalho do NDI se efetiva por meio da articulação entre as várias competências da UFSC, contaremos com a continuidade fundamental do apoio ao NDI".

Marilene Dandolini Raupp
e **Dalânea Cristina Flor**
Direção do NDI/UFSC

Erramos

As fotos da matéria *Mobilidade urbana não é só para cidades*, publicada na edição 418 (pág. 8) do *Jornal Universitário* de maio, são de autoria de Francisca Nery.



Universidade educa contra fobias sexuais

Concurso de cartazes estimula o debate entre alunos do ensino médio a respeito das diferenças

Gabriele Duarte

Bolsista de Jornalismo na Agecom

Centenas de crianças de escolas públicas do Estado participaram no primeiro semestre da confecção de cartazes contra o preconceito à homossexualidade. O 3º Concurso de Cartazes contra Homofobia, Lesbofobia e Transfobia – tipos de fobia ou aversão à gays, lésbicas e transexuais – premiou nove estudantes do Ensino Médio em três categorias diferentes, além de professores e escolas pelo incentivo à atividade e discussão da temática. Os 103 cartazes feitos por 378 alunos de 16 escolas que ficaram expostos por três sema-

nas no hall do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) são resultado da atuação do Núcleo de Identidade e Gênero Sexual (NIGS) da UFSC. Um dos cartazes será exposto no Museu Quarrí – Museu indígena do Oiapoque, no Amapá.

A programação fez parte das atividades do Dia Municipal contra a Homofobia, Lesbofobia e Transfobia, comemorado em 17 de maio, instituído por lei em Florianópolis e festejado mundialmente. O Concurso de Cartazes integra o projeto de extensão Papo Sério (oficinas de gênero e sexualidade), apoiado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da UFSC, Programa de Extensão

Universitária do Ministério da Educação, e CNPq, por meio do Programa de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio. A cada semestre os integrantes do NIGS fazem oficinas nas escolas e discutem temas como sexualidade, prevenção à DST's, relacionamentos e gravidez na adolescência. Segundo o bolsista do NIGS, Felipe Ventura, os temas despertam interesse nos estudantes durante as manhãs semanais das oficinas. "O debate e as dinâmicas utilizadas para aproximá-los da realidade são importantes na formação dos adolescentes, uma vez que poucas escolas possuem esse hábito de diálogo constante", afirma.

Para a coordenadora do NIGS, Miriam Grossi, o trabalho desenvolvido pelo grupo dentro e fora da UFSC é fundamental devido à conscientização. "Nos ambientes em que não se discutem gravidez na adolescência, homossexualidade ou uso de drogas é onde se verifica mais problemas. Aceitar a realidade e promover o diálogo é essencial", explica Miriam. A professora também foi a responsável pela aprovação no Conselho Universitário (CU) do reconhecimento do nome social dos transexuais dentro da UFSC. "Logo após a vitória da aprovação, foi montada uma comissão para que os direitos dessa classe tão discriminada fossem garantidos".

Campus ainda é palco de preconceito

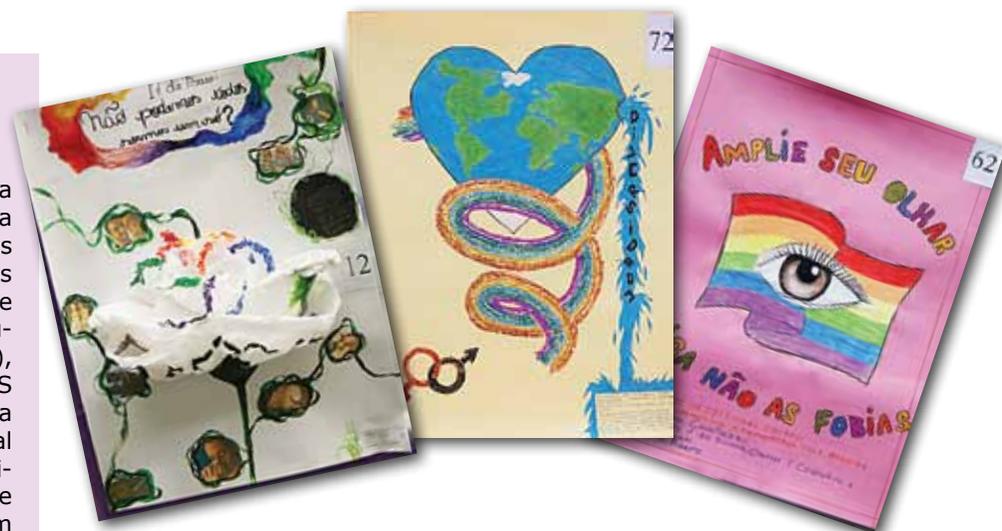
Ainda que existam medidas que tangem o fim das recriminações, preconceitos contra casais homossexuais são, infelizmente, recorrentes no campus. Segundo o Departamento de Segurança (Deseg) e o Coletivo Universitário pela Diversidade Sexual (Gozze!), em março uma pessoa foi agredida em frente ao CCE por cinco homens com idade entre 22 e 25 anos durante um happy hour no campus em que o Gozze! fazia intervenção artística. Para os envolvidos, a razão da agressão ficou evidenciada: homofobia. "Os agressores diziam que não eram 'viados' e que por isso não queriam ser 'cantados por viados'", afirma o participante do movimento Sérgio Luis. Para o estudante Marcelo Andreguetti, essas "atitudes medievais não condizem com uma instituição que é a casa do conhecimento, razão, pluralidade e tolerância".

Conquista nacional - Por entender que casais homossexuais são capazes de constituir família, o Supremo Tribunal Federal (STF) aprovou por unanimidade, em maio deste ano, a união estável homoafetiva, relatada por ação do ministro Ayres Britto. A conquista histórica revela a nova configuração familiar - em que a família é a base da sociedade e não o casamento. Herança por morte do parceiro, acesso a plano de saúde e pensão alimentícia são, agora, garantias também

aos casais homossexuais.

A professora Miriam Grossi salienta a importância dessa decisão e sublinha que a recente decisão de união homoafetiva e todas as repercussões possíveis serão discutidas no 2º Encontro de Identidade, Homofobia e Cidadania LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), organizado pelo NIGS em outubro. O NIGS representou a UFSC em Brasília durante a marcha e o "Abraço ao Supremo Tribunal Federal" no mês de maio. Milhares de manifestantes de todo o país reuniram-se durante três dias de palestras e aprendizado como em agradecimento à decisão do STF.

A Rede "Parceria Civil, Conjugalidade e Homoparentalidade no Brasil" nasceu em 2004. O projeto, coordenado pelos professores Miriam Grossi, Luiz Mello (Universidade Federal de Goiás) e Anna Paula Uziel (Universidade Estadual do Rio de Janeiro - Instituto de Medicina Social), tem como objetivo articular pesquisadores em torno da investigação de temas concernentes aos direitos sexuais de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, com enfoque nos da conjugalidade e parentalidade. Além disso, visa à realização simultânea de pesquisas sobre o tema em diferentes cidades e regiões do país.



Fotos: Francisca Nery



Cartazes da edição deste ano e alunos premiados: diálogo é essencial